



---

## WILLIAM CHANDLESS: LITERATURA DE VIAGEM, MEMÓRIA E IMAGENS AMAZÔNICAS NO SÉCULO XIX

**Raquel Alves Ishii**

Universidade Federal do Acre (UFAC)

**Gerson Rodrigues de Albuquerque**

Universidade Federal do Acre (UFAC)

### RESUMO

A partir da perspectiva dos estudos culturais, o objetivo deste artigo é desenvolver uma reflexão sobre o modo como certas culturas amazônicas são “ilustradas” por meio da escrita e de imagens do relato do viajante inglês William Chandless (1829-1896), intitulado *A visit to the india-rubber groves of the Amazons*, publicado no ano de 1870, como parte de uma coletânea de relatos de viagem organizada pelo naturalista inglês Henry Walter Bates, cujo título é *Illustrated travels: a record of discovery, geography, and adventure*. O texto em análise trata da passagem de Chandless pelo rio Madeira, na Amazônia rondoniense, no ano de 1868, no qual o viajante busca descrever, além de aspectos da fauna e flora, sua visita aos seringais da região – momento em que pôde observar o processo de extração do látex pelos habitantes dos lugares que percorreu. Ao produzir suas “descrições”, a preocupação do viajante foi oferecer um “retrato fiel e objetivo” da realidade como forma de “ilustrar” a região não apenas com registros escritos, mas também com imagens/desenhos de localidades, plantas e populações indígenas com as quais manteve contato. Essas “ilustrações”, compreendidas como uma redução dos sujeitos e “paisagens” ao nível do ficcional ou do silêncio, nas palavras de Michel de Certeau, promovem o “apagamento” simbólico de diferentes modos de vida por intermédio do “estatuto de verdade” que sustenta o discurso do viajante.

**Palavras-chave:** Relatos de viagem. Chandless. Amazônia. Ilustração. Cultura e sociedade.



---

## WILLIAM CHANDLESS: JOURNEY REPORTS, MEMORY AND AMAZONIAN IMAGES IN THE NINETEENTH CENTURY

### ABSTRACT

In the scope of cultural studies, the purpose of this article is to develop a reflection on how certain Amazonian cultures are "illustrated" through writing and images in the report of the English traveler William Chandless (1829-1896) named *A visit to the india-rubber groves of the Amazon*, which was published in 1870, as part of a collection of travel reports organized by the English naturalist Henry Walter Bates, *Illustrated travels: a record of discovery, geography, and adventure*. The report describes the passage of Chandless by the Madeira River, in the Rondonian Amazon, in 1868, in which the traveler seeks to portray, besides aspects of fauna and flora, his visit to the rubber plantations of the region - at which point he could observe the process of the extraction of the latex by the inhabitants of the places they traveled. In his "descriptions", the traveler's concern was to offer a "faithful and objective picture" of reality as a way of "illustrate" the region not only with written records but also with images / drawings of localities, plants and indigenous populations he got in contact with which. These "illustrations", understood as a reduction of subjects and "landscapes" at the level of fiction or silence, in the words of Michel de Certeau, obliterate the very different ways of life in the Amazon region through the traveler's science speech.

**Keywords:** Travel reports. Chandless. Amazon. Illustration. Culture and society.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nascido em Londres, Inglaterra, em 1829, William Chandless formou-se Bacharel e Mestre em Artes pela *Trinity College* e financiou suas próprias viagens pelo continente americano, entre os anos de 1855 e 1869. No período de 1861 e 1869, após fixar residência na cidade de Manaus, Província do Amazonas, viajou pelos rios Purus, Juruá e Aquiry, dentre outros, coletando "informações" e produzindo mapas e relatos sobre as coordenadas geográficas, solos, águas, línguas e aspectos socioculturais das populações indígenas. Seus relatos de viagem



foram publicados pela *Royal Geographical Society* de Londres e lhe renderam notoriedade e reconhecimento no meio científico da época. Chandless faleceu em 1896, com a idade de 67 anos, na capital inglesa, vítima de uma inflamação nos pulmões.

Dialogar com relatos de viagem pode significar estabelecer conexões sobre a auto-imagem de viajantes naturalistas em processos de afirmação identitária no jogo de imagens a partir do qual eles se “revelavam” na perspectiva de revelar o “outro”, o “estranho”, “exótico”, “desconhecido”, “não civilizado”. No caso dos escritos de Chandless, que em suas viagens pelas Amazônias se instala em Manaus, tempo e espaço são tecidos pela lógica de instrumentos técnicos capazes de estabelecer coordenadas, latitudes, longitudes, temperaturas, “verdades científicas”. Classifica plantas, animais, línguas e homens. Nesse fazer “da ciência”, esse viajante não prescinde das literaturas e relatos de outros viajantes e dos conhecimentos e dos saberes daqueles que o acompanham ou que encontra nas viagens. As noções de vazio, isolamento, silêncio, solidão acompanham e sombreiam suas narrativas. Em meio a essas noções, mulheres e homens da terra aparecem/desaparecem nas “letras brancas” de sua escrita, mas, também, nas imagens idealizadas por Elizabeth Agassiz, incorporadas pelo viajante a guisa de “ilustração” de seus relatos.

Para os objetivos das reflexões aqui propostas, o sentido de ilustrar é o dicionarizado, que significa “deixar (uma explicação) mais clara e compreensível através de exemplos; elucidar, esclarecer, exemplificar, explicar” (MICHAELIS, 2017). O argumento defendido é de que as “ilustrações” apresentadas pelo viajante inglês constituem-se como uma reificação e redução das gentes, paisagens e outros seres por ele “descritos” ao nível do *ficcional* ou do *silêncio*, promovendo um “apagamento” simbólico dos diferentes modos de vida amazônicos. A narrativa de Chandless se propõe a oferecer um “retrato” científico da realidade dos lugares percorridos e é certo que procura fazê-lo com abnegada dedicação. No entanto, seus escritos, tomados aqui com a mesma dimensão das imagens (na forma das gravuras que seleciona), mais do que ilustrar “elucidar, esclarecer, exemplificar, explicar” o que é a “região amazônica” e suas gentes, corroboram com o a produção de um discurso amazonialista:



Amplamente difundido, repetido e cristalizado produzindo subjetividades, inventando e catalogando povos, rios, fauna e flora, fabricando identidades e fronteiras “amazônicas” e “não-amazônicas”, introjetando narrativas de diferentes sujeitos (pessoas físicas e jurídicas) que partem da ideia ou da palavra/conceito Amazônia como um todo homogêneo, referência de lugar, identidade, vivência ou existência de incontáveis seres humanos e não-humanos, naturais e não naturais. (...) Um discurso focado na designação de uma região do mundo que toma como dado em si, como se ali existisse desde sempre, pré-existindo às narrativas históricas que lhe teceram/tecem os fios dos sentidos ou os difundem na condição de “coisa da natureza”, um “dado natural”. Um todo abstrato, “Amazônia”, idealizado como objeto das faces do próprio discurso que lhe inventa e naturaliza, conferindo um paradoxal sentido lógico a habitar as mentes dos que vivem fora e dentro dessa invenção, funcionando como uma das marcas mais profundas da colonialidade do poder e do saber (ALBUQUERQUE, 2016, p. 79).

## VIAGEM AO MADEIRA

No início do verão amazônico de 1869, William Chandless decidiu percorrer o Rio Madeira, afluente do Amazonas. Sua intenção ou meta era explorar as consideradas “terras ermas” da Bolívia, o que tornava a exploração do rio apenas um ato intermediário. Tendo a cidade de Manaus como uma espécie de base local para suas viagens, Chandless escreve cartas, apontamentos e ordena na forma de texto as muitas anotações de suas experiências. Nos seus escritos, tempo e espaço são tecidos pela lógica de instrumentos técnicos capazes de estabelecer coordenadas, latitudes, longitudes, temperaturas, “verdades científicas”. Classifica plantas, animais, línguas e homens. Nesse “fazer da ciência”, esse viajante não prescinde das literaturas e relatos de outros naturalistas, a exemplo do casal Agassiz, Spix e Martius, Wallace, Bates e, principalmente, dos conhecimentos e dos saberes daqueles que o acompanham ou que encontra nas viagens, portadores de um saber produzido e transmitido pela oralidade: os práticos “afroindígenas” (SARRAF-PACHECO, 2016) e indígenas dos pluriversos amazônicos.

Em seu *A visit to the india-rubber groves of the Amazons*, ao descrever o início do que foi sua última viagem pelos rios amazônicos, desde a cidade de Manaus, Chandless assinala:



I left this place at noon on May the 22nd, 1869. In a canoe of about one ton burden, and a crew of six men, of mixed origin - white, black, and Indian - all, on the whole, good, well-behaved men; but on this occasion, as is usual at starting, they were all more or less drunk.

Parti ao meio dia, em 22 de maio de 1869, num barco com cerca de 500 quilos de carga e uma tripulação de seis homens, de origem mista - branca, preta e indígena - todos, em geral, homens bons e bem comportados. Contudo, nesta ocasião, como é habitual no início, estavam todos mais ou menos bêbados.

Logo de início, chama a atenção a (des)qualificação dos homens de sua tripulação como bêbados habituais, evidencia a familiaridade de Chandless com as visões, leituras e interpretações de distintos viajantes sobre multifacetadas realidades de sujeitos/sujeitas sociais que encontravam às margens dos rios, florestas e cidades da bacia do grande rio. Seres esses que, no dizer de Euclides da Cunha (também íntimo conhecedor das “verdades hiperbólicas” dos viajantes do século XIX), pertenciam a uma “sociedade indisciplinada” que vivia *drinking, gambling and lying* – bebendo, dançando, zombando – na mesma dolorosíssima inconsciência da vida (CUNHA, 1967).

Ao acompanharmos a narrativa desse viajante inglês, rio Madeira acima, percebemos que, por meio uma descrição linear, ele vai (re)produzindo os elementos que compõem a paisagem das beiras de rios amazônicos, a medida que por eles vai passando. Em sua narrativa, flutuar sobre as águas do rio, deslizar de canoa por entre as margens inundadas de galhos, terras e árvores caídas, remar preguiçosamente e adormecer na terceira margem ao anoitecer, entre outras imagens tecidas por sua subjetividade e inventividade, cumprem o papel de constituir uma sentimental visão de isolamento que domina e caracteriza a paisagem descrita: *No look-out is necessary on a voyage down the solitary river (...). It is while thus floating that I have always felt the most vividly the vastness of the Amazonas* [nenhuma atenção é necessária em uma viagem por um rio solitário (...). De tal modo, é enquanto flutuamos que tenho sentido de forma mais intensa a vastidão do Amazonas].

A percepção sentimental de Chandless, especialmente, no tocante à noção do vazio ou solitário mediando sua leitura da “vastidão do Amazonas” empresta



significados à forma como “descrever” o rio Madeira e suas gentes. Mergulhar nessas imagens escritas significa percorrer espaços, tempos, culturas e sujeitos históricos idealizados pela pena e por um olhar que, muitas vezes, enclausura as possibilidades humanas. Por outro lado, significa também estabelecer conexões sobre a auto-imagem de um viajante em processo de tradução identitária, em um jogo de imagens a partir do qual o viajante se “revelava” ao “revelar o outro”.

Atento às relações sociais e às práticas dos fazeres e afazeres de mulheres e homens no percurso de sua viagem, Chandless registra passagens que ganham importante significado para surpreendermos as mentalidades das personagens de seu relato, (re)ordenando sua própria mentalidade acerca dos “mundos do trabalho” amazônicos. Nessa direção, torna-se relevante destacarmos suas observações sobre um comandante de navio e proprietário de escravos:

*He is one of the few who have employed his slaves in making India-rubber; indeed, I believe he had his brother have brought them on purpose. Most people are afraid that they will run away, where it seems so easy; and few like to buy when abolition seems impending. He remarked, however, with true, that slaves, if well treated, rarely do run away; that for a strong black, India-rubber making was light work; and that, as a slave would pay his value in two years of this work, he did not trouble himself about abolition.*

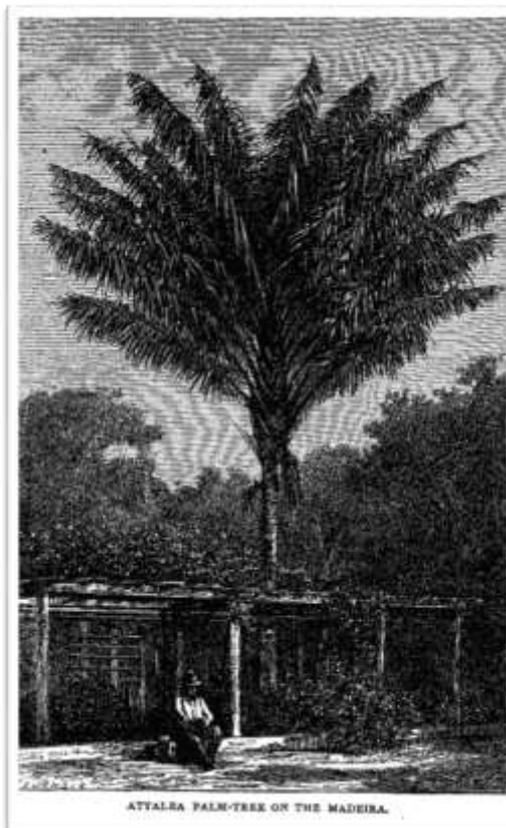
Ele é um dos poucos que empregaram seus escravos na fabricação de borracha. De fato, creio que seu irmão os trouxe para esse propósito. A maior parte das pessoas teme que seus escravos fujam – o que parece ser bem fácil –, e bem poucos gostam de comprar escravos quando a abolição parece iminente. No entanto, o Capitão Braga observou, e com razão, que os escravos, se bem tratados, raramente fogem e para um preto forte, a fabricação de borracha era um trabalho leve. Além disso, como um escravo pagaria seu próprio valor em dois anos trabalhando no corte da seringa, a abolição não era preocupante.

“O Capitão Braga observou, e com razão...”, afirma Chandless manifestando seu juízo de valor sobre a “condição natural” do preto como escravo e sua “condição natural” para o trabalho pesado, árduo, perigoso e desgastante no interior da floresta e ao longo dos rios e igarapés: o viajante continua se revelando no revelar do “outro”. Curiosamente, e sobre essa questão trataremos a seguir, é que ao longo de *A visit to the india-rubber groves of the Amazons*, Chandless relata o universo da

empresa extrativista e às práticas da produção da borracha, que atraia milhares de pessoas de todo o mundo para a região do Madeira, Juruá e Purus, berço das mais abundantes áreas da *hevea brasiliensis*. Porém, em meio seus escritos, o que surgem são imagens-paisagens de árvores, homens e mulheres indígenas e “afroindígenas”, ilustrando ou decorando feito sombras sua narrativa do rio Madeira, enquadrando as práticas culturais de homens e mulheres nos referenciais de mundo reduzidos a dois axiomas que parecem “guiar a marcha da civilização ocidental: o trabalho e a propriedade (BARREIRO, 2002).

### IMAGENS-PAISAGENS FANTASMAGÓRICAS

Enfatizamos essas questões para dialogar com as “ilustrações” utilizadas por William de Chandless em seu relato do rio Madeira, dispostas nos cinco quadros a seguir:







Nos caminhos de reflexão e leituras dessas imagens, lançamos mão das inquietantes considerações de Raphael Samuel, em seu “Teatros de memória” (1997), que chama a nossa atenção para o necessário distanciamento crítico que devemos adotar no momento em que passamos a utilizar imagens em nossas reflexões sobre o passado. Para ele, as imagens não são reflexos transparentes do



real e, evidentemente, tomá-las como capazes de revelar a realidade de forma objetiva significa substituir a “coisa em si” por sua narrativa ou representação. Significa produzir análises do real tendo como referência o simulacro, ou seja, ver o mundo sob a mediação das sombras e fantasmagorias que elas produzem.

Não podemos deixar de assinalar que parte considerável das percepções estéticas de cidades e florestas amazônicas foram e continuam sendo tecidas a partir de sonhos e projeções colonizatórias e alienígenas ao nosso cotidiano. O fantástico, o insólito e o fantasmagórico estão na base desses sonhos, tecendo subjetividades em eterna condição de geografias e seres vazios de humanidade e de civilização. A “realidade” amazônica é extraordinariamente ficcional: nossas casas, prédios e praças “modernas” encerram urbanidades espetaculares, de tempos em tempos abandonadas, ao sabor do trânsito de mercadorias e de matérias primas de interesse do mercado. Nossas florestas são selvagens e/ou civilizadas, lugares de barbárie e seres exóticos ou de sustentabilidade, ao sabor do mesmo mercado. A rigor, essas imagens “fantasmagóricas” dialogam com as noções de “solidão” e de “vazio demográfico”, guiando representações sobre a região “descrita”. Tais imagens, mais que caracterizar espaços/tempos amazônicos, serviram de base para a produção de um conjunto de metáforas que passaram a “governar” subjetividades e acomodar a produção de visões a respeito da “ausência de civilização”, referindo-se não somente à “paisagem” local, mas também, aos modos de vida de seus habitantes. Essa maneira de “interpretar” as gentes e mundos amazônicos penetrou fundo e acompanhou os escritos de importantes e influentes homens de ciências e de letras que se propuseram a traduzir as Amazônias.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Plantados em verticalizadas e insólitas imagens-paisagens os indígenas e “afroindígenas” são representados no interior de uma panorâmica de contraste não somente com a vegetação e de seus olhares entristecidos, mas de um relato que “descreve” o mundo da produção gumífera e seu entorno. Essas “ilustrações” não



deixam a pretensa objetividade do texto “mais clara e compreensível através de exemplos”, não “elucida”, “esclarece”, “exemplifica” ou “explicar” absolutamente nada. Nessas imagens diferentes seres humanos e não-humanos são não apenas reduzidos a sombras deslocada, mas tomadas como parte da “paisagem” da região a ser “desbravada”. Nelas as culturas são discursivamente apagadas pela descrição objetivista por intermédio da qual o sujeito – “do corpo e da palavra enunciativa” – vai sendo diluído ou “reprimido” no escopo de uma escrita que é “ficção” ou pela “verdade” silenciadora de uma escrita “científica” (CERTEAU, 1982).

Inspirados nas reflexões de Edward Said, consideramos a necessidade de produzir uma leitura em contraposição às leituras que se constituem na “apologia imperialista”, como forma de não nos deixarmos seduzir pelo viajante e por suas imagens – registradas, imaginadas, construídas, hiberbolizadas, sintetizadas, ficcionalizadas –, sob o risco de reproduzirmos o discurso colonizador do viajante que insiste em manter a relação hierarquizante entre civilizados e não civilizados. Em síntese, pontuamos que as imagens ou “ilustrações” em questão conferem não “legitimidade” às narrativas “científicas” de William Chandless, mas cumprem o papel de conformar o olhar do leitor em um discurso sobre a região amazônica. Um discurso marcado pela “exuberância da natureza”, lançando sombras em mulheres, homens e suas múltiplas formas de relacionamento e produção de práticas sociais num mundo de natureza e de cultura em constantes e profundas trocas e intercâmbios materiais e simbólicos.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. Amazonialismo. In: ALBUQUERQUE, G. R.; SARRAF-PACHECO, A. (Org.). **Uwakürü**: dicionário analítico – volume 1. Rio Branco (AC): Nepan Editora, 2016, pp. 74-97.
- BARREIRO, José Carlos. **Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX**: cultura e cotidiano, tradição e resistência. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 5ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.



CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHURCH, George Earl. **Obituary: William Chandless, 1896**.

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. Lisboa: Editora Lello Brasileira, 1967.

CUNHA, Euclides da. **Um paraíso perdido**: ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia. Organizado por Leandro Tocantins. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; Rio Branco (AC): Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos, as Cultura e do Desporto do governo do Estado do Acre, 1986.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

ISHII, Raquel Alves. **Viagens do “homem que virou rio”**: narrativas, traduções e percursos de William Chandless pelas Amazônias, no século XIX. Rio Branco: UFAC, 2011. Dissertação de Mestrado.

LACERDA, Adolpho de Barros Cavalcanti de. **Relatório com que o ilustríssimo e excelentíssimo Sr. Dr. Adolpho de Barros Cavalcanti de Lacerda entregou a administração da província do Amazonas ao illmo. e exmo. Sr. tenente coronel Innocencio Eustaquio Ferreira de Araujo, 1865**.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/>

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SAMUEL, Raphael. “Teatros de memória”. In: PROJETO HISTÓRIA. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, n. 14**. Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro e Vera Helena Prada Maluf. São Paulo (SP): Educ, 1997, pp. 41-81.

SARRAF-PACHECO, Agenor. Afroindígena. In: ALBUQUERQUE, G. R.; SARRAF-PACHECO, A. (Org.). **Uwakürü**: dicionário analítico – volume 1. Rio Branco (AC): Nepan Editora, 2016, pp. 46-74.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1993.

SNOW, Edwina Jo. **William Chandless**: British Overlander, Mormon Observer, Amazon Explorer, 1986.

**The Ladies' repository: a monthly periodical, devoted to literature, arts, and religion** (Volume 10, Issue: 1, July 1872, pp. 40-49).